



Representações na imprensa: entre o coletivo e o indivíduo¹

Mônica Sousa²

Faculdade do Sul Fluminense. Volta Redonda. RJ

Resumo

Este trabalho busca refletir a construção e manutenção das representações coletivas e individuais em suas relações com os meios de comunicações, em especial, o jornalismo impresso. No caso específico desse artigo, abordamos como o conceito de segurança atrelado ao espaço cria expectativas de comportamento e reconfiguram o imaginário. Como objeto de estudo, analisamos notícias vinculadas pelo periódico Jornal do Brasil a respeito do espancamento da doméstica Sirlei de Carvalho por jovens moradores da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 2007.

Palavras-chave

Jornalismo; Representações; Violência

Introdução

Uma vez que as cidades que existem se afastam da norma em diferentes graus, basta prever as exceções à regra e calcular as combinações mais prováveis. (...) Mas não posso conduzir a minha operação além de um certo limite: obteria cidades verossímeis demais para serem verdadeiras. (Ítalo Calvino, Cidades Invisíveis, 69)

Como pensar um espaço que na busca pela perfeição encontra justamente o seu próprio veneno? No portal do inferno, Dante se assombra com a inscrição: “Deixai toda esperança, ó vós que entrais”. Dessa maneira, a viagem que empreende junto a Virgílio pelos círculos do mal é o contraponto que propomos para pensar a busca do paraíso urbano que, de maneira oposta, se apresenta como a soma das esperanças. Assim é a

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora contratada da Faculdade do Sul Fluminense (FASF), email: sousamonica@hotmail.com

Barra da Tijuca, ou, ao menos, essa é a imagem que se reproduz nas publicidades do bairro³.

Tais buscas pelo paraíso urbano – que podem ser encontradas tanto pela construção de bairros “fechados”, quanto nas cidades virtuais, sob o estigma da Nova Jerusalém – é uma marca da contemporaneidade. Mas, diante de tantas propostas, cabe uma indagação essencial: o que seria este paraíso?

A busca por respostas a tal pergunta perpassa a história das religiões. No entanto, na concepção dos discursos publicitários, a Barra da Tijuca (BT) ocuparia esse posto porque consegue manter afastada de seus limites a “precariedade” urbana, que se traduz na sensação de medo que acomete uma grande parte da população carioca graças aos altos índices de criminalidade. Esta visão negativa, ao mesmo tempo, está relacionada ao meio ambiente devastado. Então, a BT se transforma justamente no depósito de esperança de uma cidade marcada pelas balas perdidas dos confrontos entre traficantes e policiais, erros cometidos contra civis alvejados por engano, assaltos, seqüestros. Isso se reflete na proposta de espaços que promovem a “assepsia”, numa tentativa de criar um outro modelo de cidade. Um modelo que fuja do emaranhado, do composto, do permutado, e que de maneira racional, disponha os espaços e seus usos determinados. Uma cidade da razão, orientada para a limpeza, para a organização, para o belo, para o que o mundo pode ter de “melhor”. Procura-se o paraíso, o bem-estar, o lado do bem, mas o que seria esse bem? O que seria esse melhor? É essa discussão que propomos no decorrer deste artigo.

O bem e o mal, no entanto, são concepções que, além de subjetivas, invocam escolhas de posicionamento. O grande mérito – e daí a dificuldade de polarizar a sociedade – seria saber com precisão o que se pressupõe estar em um ou noutro. É esse um dos grandes questionamentos da contemporaneidade.

Na madrugada de 23 de junho de 2007, Sirlei Dias Carvalho, de 32 anos, foi espancada em um ponto de ônibus na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio. Os acusados da agressão foram cinco moradores do bairro: Felipe de Macedo Nery Neto (20), Leonardo Andrade (19), Júlio Junqueira (21), Rodrigo Bassalo (21) e Rubens Arruda (19). De acordo com o registro de ocorrência feito na 16º Departamento de Polícia (DP – Barra da Tijuca), divulgado pela imprensa, Sirlei estava no ponto de ônibus na Avenida Lúcio Costa às 4h50, quando foi agredida. Os agressores foram identificados a

³ Algumas das publicidades podem ser encontradas no trabalho de Ricardo Ferreira Freitas mencionado nesta pesquisa e que consta na bibliografia.

partir da placa do carro, anotada por um taxista que presenciou o crime. Além da agressão foi registrado também o roubo da bolsa de Sirlei.

As análises que nos interessam dizem respeito às representações veiculadas pelos meios de comunicação sobre o crime ter sido cometido na Barra da Tijuca. Não nos interessa tentar compreender as motivações dos criminosos, ou discutir se a conduta da imprensa foi ou não imparcial. O que buscamos compreender é o processo de produção de uma rede de significações sobre a violência e sobre a Barra da Tijuca, que envolve as afirmações selecionadas na publicação da matéria, a forma de construir o texto, e principalmente, o conteúdo explícito (e, portanto, dito) nas reportagens.

Entre o coletivo e o individual

Propomos neste trabalho pensar as representações como resultado individual e coletivo porque construídas pelo somatório de diferentes experiências e saberes. Sendo assim, elas estão além de algo fechado, limitado. Ao contrário, apresentam sua complexidade justamente por serem mais fortes, ricas e complexas do que o indivíduo. Por essa definição, podemos nos basear no conceito de representações coletivas de Durkheim, descritos por Maria Cecília Minayo (1992). Para Durkheim, as representações coletivas são categorias do pensamento formadas e expressas na sociedade. Suas origens não nos são dadas, mas ao contrário, elas surgem a partir dos fatos sociais e, algumas vezes, transformam-se nos próprios fatos sociais. Como fato social, Durkheim (2004) entende as maneiras de agir externas à consciência, impostas pela coletividade e com caráter coercitivo, mesmo que este esteja subentendido (como nas convenções lingüísticas e monetárias).

De tal maneira. Durkheim não elimina a importância do indivíduo, mas limita sua abrangência ao conceber as representações como resultantes de um conjunto de indivíduos, uma mistura de idéias, sentimentos, pensamentos. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2004), as análises dos povos primitivos por Durkheim conferiram destaque às representações. Segundo a autora, a introdução desse conceito-chave foi fundamental para as ciências humanas porque dava atenção ao processo de construção mental da realidade, que legitima a ordem instituída através de idéias, imagens e práticas dotadas de significados.

Podemos perceber essa importância dos indivíduos em Durkheim quando fala da religião em “As formas elementares da vida religiosa” (1983). A coletividade, ao atingir certo grau de intensidade, pode despertar o sentimento religioso porque existe

um estado de excitação, de sensações fortes. De tal maneira que o homem se transforma e, por conseguinte, transforma o meio que o rodeia.

Sem dúvida, encarnando-se nos indivíduos, os ideais coletivos tendem a individualizar-se. Cada um os compreende à sua maneira, os marca com o seu cunho; retiram-se elementos, acrescentam-se outros. O ideal pessoal destaca-se assim do ideal social, na medida em que a personalidade individual se desenvolve e se torna uma fonte autônoma de ação. (idem, 227).

Jodelet (2001) ressalta que as representações dos meios de comunicação atuam no imaginário coletivo. Para a autora, os discursos de insegurança moldam os relatos das vítimas de agressão, sempre retratados em um mesmo roteiro situado numa mesma categoria vitimada. A comunicação é em si portadora de representação, e como tal, incide sobre o pensamento social “à medida que engaja processos de interação social, influencia consenso ou dissenso e polêmica” (idem, 32)

A coletividade na construção da representação também está presente no pensamento de Guareschim (1995) e Jovchelovitch (1995). Para ambos, a representação social se articula no território dos fenômenos individuais e coletivos. Os fenômenos sociais então nos permitem entender de que maneira as conversações, os saberes populares e o senso comum são construídos. É possível então, dentro dessa lógica, entender os fatos noticiados na imprensa como fenômenos que podem nos fornecer acesso privilegiado a um pensamento social. Por senso comum podemos entender o conceito de Schultz (apud, 1992), que analisa o senso comum como conjunto de abstrações, formalizações e generalizações; construídos, interpretados a partir do mundo do dia-a-dia.

A rapidez do cotidiano, as transformações sociais e culturais do século XX fizeram com que alguns autores repensassem a obra de Durkheim. É o caso de Moscovici, que ampliou o conceito de Durkheim, criando o termo “representações sociais”. Ao substituir o termo “coletivas” por “sociais”, Moscovici pretendia ampliar as representações para além de uma conotação cultural. Segundo Guareschi (1995), ele usou um termo mais apto às sociedades atuais, mais fluidas e dinâmicas. Moscovici (2001) parte da premissa de coletividade de Durkheim para exaltar a importância do social, do coletivo, sem o qual é impossível, segundo o autor, explicar os fatos sociais. Para ele, o indivíduo sofre pressão das representações dominantes na sociedade, ao mesmo tempo em que é nesse meio que ele exprime seus sentimentos. Sociedades

distintas fazem aflorar representações diferentes que se distinguem pela mentalidade, pelas práticas e pelas instituições.

Ao mediar as relações entre as pessoas e a sociedade, os meios de comunicação estão inseridos na dinâmica das representações. Para Guareschi (1995), a teoria das representações está intimamente relacionada às dimensões cognitiva, afetiva e social. Assim como as representações estão ligadas à construção de saberes sociais, estes são relacionados diretamente à cognição e aos afetos, uma vez que o caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz a tona tal sentimento ao procurar entender e dar sentido ao mundo em que vive; e conseqüentemente tais fenômenos encontram suas bases na realidade social.

Por essa concepção, Guareschi acredita que o mesmo modo de produção das representações se estabelece nas ruas, nas instituições, nos meios de comunicação de massa e nos canais informais de comunicação. É na exposição a esses meios que as representações são formadas. “(...) onde a comunicação cotidiana é em grande parte mediada pelos canais de comunicação de massa, representações e símbolos tornam-se a própria substância sobre a quais ações são definidas e o poder é – ou não – exercido” (idem, 20).

Entender de que maneiras os jornais representam a violência na Barra da Tijuca pressupõe pensar, a partir de Durkheim (1983), que as representações coletivas estão no plano do simbólico e por isso são sempre a representação de um indivíduo analisando um “outro”. Esse caráter flexível da mensagem deixa em aberto sua representação. Pensar de que maneira são construídas as representações é considerar que a realidade, ao ser descrita pelos meios de comunicação, é reapropriada pelo indivíduo (produtor da notícia) e por aquele que a recebe. O que para Jean Claude Abric (2000) é possível a partir da concepção de que a realidade é reconstruída no sistema cognitivo e está integrada a um sistema de valores que dependem da história, do contexto social e ideológico do indivíduo. (idem, 27). Para o autor, “a representação produz um sistema de antecipações e expectativas, sendo então uma ação para a realidade: seleção e filtragem das informações, interpretações visando adequar essa realidade à representação”. (idem, 30).

Neste sentido, representar é fundamentalmente, como supõe Sandra Jatahy Pesavento (2004), não só se colocar no lugar de algo como fazer também com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. As representações são, pois, matrizes produtoras de condutas e de práticas sociais que explicam o real. Sendo assim,

os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo através das representações que constroem sobre a realidade em que vivem, e é pela capacidade de mobilização e de produção de reconhecimento e legitimidade social que se dá a força de tal representação. “As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social”, (2004, 41).

“Jovens de classe média espancam doméstica”

No dia 25 de junho de 2007, os principais jornais e telejornais do país destacaram o espancamento de uma mulher de 32 anos por cinco moradores dos condomínios da Barra da Tijuca. São eles: Felipe Nery, Leonardo Andrade, Júlio Junqueira, Rodrigo Bassalo e Rubens Arruda. Com o título **“Jovens de classe média espancam doméstica”**, o Jornal do Brasil (JB) iniciou sua cobertura sobre o caso e, entre os dias 25 de junho a 25 de agosto de 2007, repercutiu o “caso Sirlei” em 17 matérias. Além de espancada, Sirlei teve a bolsa roubada pelos agressores que cometeram outros delitos parecidos, como se verifica no decorrer da cobertura jornalística.

Como já descrevemos na metodologia deste trabalho, nosso objetivo não é traçar comparações entre coberturas, mas a partir de uma delas compreender de que maneira se apresentam e representam as narrativas sobre o espancamento de Sirlei de Carvalho por moradores da Barra da Tijuca. Pela lógica da linguagem e da estrutura jornalística, é preciso que informações novas abasteçam as páginas dos diários, o que resulta em uma estrutura narrativa com um padrão de episódios. Tais episódios criam a sensação de uma estrutura dramática.

Jornal do Brasil	Data	Assunto principal
M – Jovens de classe média espancam doméstica S – Taxista anota placa do carro e três dos cinco agressores, que moram na Barra, são presos	25/06/07	Detalhes da agressão/indignação da vítima e familiares/
R – Impunidade motiva crimes	25/06/07	Impunidade

S – Advogados de Sirlei entrarão com ação por danos morais, físicos e materiais	26/06/07	Denúncia anônima/detalhes do caso/declaração do pai de um dos acusados// delegado desmente depoimento dos acusados
R – Memória JB –		caso índio Galdino
M – Polícia procura sexto suspeito S – Acusados revela a presença de mais de um jovem no dia da agressão à doméstica	27/06/07	Indignação de Sirlei para declaração/depoimento dos agressores
T – Testemunha diz que jovens roubaram sua bolsa em março. S – Doméstica vai pedir indenização por danos morais	30/06/07	Novas vítimas
T – Agressores acusados de outros crimes	02/07/07	Outros crimes
R – Memória JB –	02/07/09	Outros crimes cometidos por jovens de classe média
T – Páginas do orkut na mira da Justiça S – Comunidades de preconceito contra mulher serão investigadas	03/07/09	Retirada da apologia à violência
M – Pedida prisão preventiva de agressores da empregada S – Delegado encerra inquérito e indícia os cinco jovens por vários crimes	04/07/07	Detalhes da investigação /novas vítimas
M – Mistério envolve caso Sirlei S – Polícia pede ajuda para identificar homens que ameaçaram advogado da doméstica	5/07/07	Ameaça ao advogado
T – Justiça bloqueia bens dos cinco jovens que agrediram doméstica. S – Advogado quer garantir pagamento de indenização	25/07/07	Bloqueio dos bens/indenização da vítima
T – Doméstica depõe no fórum	04/08/07	Depoimento/dores da vítima
T – Defesa: agressores de Sirlei são calmos	18/08/07	Defesa dos

S – Depoimentos terminaram sem surpresas		agressores/depoimentos favoráveis
--	--	-----------------------------------

De acordo com esses dados, separamos algumas linhas de narrativa que descrevem o espancamento da doméstica, as reações/declarações da vítima e dos familiares e a repercussão da notícia. Alguns deles são imprescindíveis para exemplificar nossa proposta: doméstica é espancada por moradores da Barra / revolta do pai e irmã da vítima / padrasto diz que enteado faz uso de medicamento controlado / pai diz que não é justo manter crianças com bandidos / o perdão da vítima / declaração do pai da vítima / OAB apóia causa de doméstica e prostitutas / agressores são acusados também de assalto a mão armada, tráfico de drogas e agressão/ advogado de Sirlei é ameaçado.

Todos esses fatos periféricos gravitam em torno do núcleo central que sustenta a notícia – a agressão de **“jovens moradores de classe média”** a uma **empregada doméstica** num ponto de ônibus na **Barra da Tijuca**. Os aspectos em negrito jogam por terra a noção da “cidade” ideal da Barra como referência para a cidade real. É o que Renato Cordeiro Gomes (1994) analisa como uma narrativa que obscena a concepção da cidade ideal, que para o autor funciona como parâmetro para a cidade do cotidiano.

A violência nas grandes cidades, mesmo naquela com a alcunha de cidade maravilhosa, é a demonstração da dualidade imprescindível da estrutura da realidade urbana. Cidades paraísos carregam em seus limites o mal inerente à sociedade, uma alusão à sabedoria dionisíaca de Maffesoli (2004), numa demonstração de ambivalência em que a vida real se depara com a normalidade da morte, com os excessos juvenis, e com a efervescência festiva e a desenvoltura em relação à seriedade política.

Todos temos experiências vividas ou sabidas de violência urbana. Acompanhamos nos telejornais, ouvimos comentários ou algumas vezes aumentamos as estatísticas dos institutos que quantificam a criminalidade. No entanto, por mais próximos que estejamos da violência, suas “velhas conhecidas” histórias geram interesse nos meios de comunicação e nos leitores. Tais interesses são gerados por meio da fala do crime (Caldeira, 2000) ou padrões de estereótipos (Canevacci, 2005) que, quando quebrados, dão lugar à anomia que suscita o interesse pelo incomum. No entanto, esse incomum é produzido por pré-conceitos da própria estrutura social.

O conceito de *fait divers* se baseia exatamente nesta perspectiva. Em “Espreme que sai Sangue”, Danilo Angrimani (1995) apresenta variados sentidos ao *fait divers*, como para Morin, que o analisa como algo inesperado que irrompe no cotidiano, em que a vida “normal” é rompida pelo acidente, a catástrofe, o crime, a paixão. Outro autor que também é analisado por Angrimani é Auclair, segundo o qual o *fait divers* é uma separação das normas que regem as relações humanas. É exatamente no insólito e na extravagância do *fait divers* que está o ingrediente de capa de jornal.

O caso registrado na 16ª Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro apresenta algumas das características de *fait divers* porque abarca o inesperado. Enquanto as publicidades ressaltam as maravilhas de viver na Barra da Tijuca⁴; os números do último censo comprovam os altos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e a estrutura urbana privilegia o enclausuramento e a vigilância constantes; os altos índices de acidentes de trânsito e crimes envolvendo moradores do bairro fazem parte das estatísticas da Secretaria de Segurança, o que torna o crime notícia pelo “suposto” caráter ilógico que faz do crime um delito “anormal”.

Outra característica importante de ser notada nesse caso e na repercussão que ele atinge pode ser encontrada nos textos de Muniz Sodré (1992), que analisa a associação de negros, pardos e migrantes do norte/nordeste “excluídos do modelo de socialização afinado com a concentração de renda e com os discursos sociais oficialmente hegemônicos.” (1992,113). Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação irradiam as representações de negros e pardos como cidadãos “discrimináveis” em filmes e telenovelas e reforçam os papéis e estereótipos, é também quem por meio das notícias apresentam a outra face da violência urbana, cometida para além do estereótipo. E daí a “anomia” que transforma o fato em algo “inusitado”.

A repercussão e as narrativas em episódios a partir da notícia do dia 25 de junho mostram como os meios de comunicação simulam uma realidade uniforme quando a própria concepção do fato em si mesmo demonstra não haver uniformidade e a não responderem a padrões pré-estabelecidos às ações humanas. Num processo semelhante ao que cria os estereótipos da cor/pobreza associados à criminalidade, a imprensa simula padrões consensuais de conduta (Sodré, 2006). Não é apenas da transmissão de informação pelo conteúdo, mas de produção encenada a partir do espetáculo da própria notícia que contraria a “ordem natural” estabelecida pelos discursos midiáticos. Em

⁴ Pesquisa desenvolvida por Ricardo Ferreira Freitas.

ambos os jornais, as matérias apresentam o espanto tanto da vítima como de seus familiares para o fato de os agressores se tratarem de pessoas “bem vestidas”, “não pareciam criminosos”. Para retratar, utilizamo-nos de alguns trechos dos jornais:

- *“Eu podia esperar uma coisa dessas onde a gente mora, que é um lugar violento”. (Patrícia Carvalho – irmã de Sirlei). JB, 25/06, página A8.*

- *“Sirlei contou que os agressores estavam bem vestidos, de tênis, perfumados”. (JB, 25/06, página A8).*

Em um dos trechos da manchete da página A8, o texto faz um paralelo entre a vida da “doméstica” e a vida do “grupo de rapazes da classe média”. Enquanto descreve Sirlei como uma mulher de 32 anos; mãe de um menino de 3 anos; “que madrugou no ponto de ônibus” para uma consulta médica e que depois “em seu dia de folga” iria fazer faxina em Ipanema; os jornais falam nos textos ao longo de toda a cobertura de jovens arruaceiros, que estavam saindo de uma festa, que antes e depois de atacarem Sirlei se envolveram em outros delitos.

A mesma lógica estereotipada é encontrada num discurso que esvazia o sentido do crime em si mesmo e o estende a causas como a falta de estrutura familiar, por exemplo. Desta maneira, não é um esvaziar pela omissão, mas ao contrário, para contextualizar a partir de novas possibilidades. Entre os assuntos abordados durante a cobertura da imprensa, alguns pontos chamam a atenção: falta de estrutura familiar da família dos agressores em oposição à boa educação dos pais da vítima, mordomias de uma criação “privilegiada”, falta de limites, excesso de liberdade, distorção de valores e impunidade. A busca de justificativa para a violência e entendimento do que ocorre na classe média pode ser observada na busca de alguns especialistas como fonte.

O Jornal do Brasil buscou um formato de texto mais voltado para contar o cotidiano tanto de Sirlei quanto dos agressores e suas fontes foram: a diretora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, representante da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, pedagogo, advogado penal, doutora em psiquiatria forense, a presidente e fundadora da ONG Davida, além das fontes oficiais dos departamentos de Delegacia de Polícia.

Com isso, o crime não é em si mesmo a causa do espanto, mas a quebra de padrões que por trás dele insinua uma cadeia de outras “quebras”. Deste modo, os lugares estão esvaziados de sentido quando os indivíduos se definem funcionalmente por uma lógica socioeconômica, analisa Muniz Sodré (2006). É relevante nesse sentido destacarmos que durante o primeiro dia dos dois jornais pesquisados a identificação

tanto da vítima e seus familiares, quanto dos agressores e seus familiares são feitas não somente pelo nome e sobrenome, mas também pela ocupação. Sem que isso seja fenômeno isolado neste caso, a identificação faz parte da narrativa jornalística.

E neste caso, embora durante alguns discursos das matérias ressaltem o trabalho da vítima e as citações referentes às declarações de Sirlei – de que os jovens moradores de Duque de Caxias, onde ela mora, trabalham, estudam e não têm as mesmas oportunidades de seus agressores – os jovens que agrediram Sirlei também trabalham e têm as profissões em suas identificações: Felipe Nery é estudante de administração, Júlio Junqueira, empresário e estudante de gastronomia, Leonardo Andrade, técnico em informática, Rodrigo Bassalo, estudante de turismo e Rubens Arruda, estudante de direito. Neste sentido, a profissão de Sirlei como doméstica é contrastada durante a divulgação das informações com a vida de “mordomias” dos agressores.

Considerações finais

Ao contrário da verdade, a mentira tem mil rostos, pensava Montaigne (2002) no século XVI. É com esse pensamento de um caleidoscópio de representações que apresentamos essas considerações finais. Propomos aqui ver as representações não como mentiras forjadas, mas imputar a elas a característica de construção social da realidade, num conjunto de formação dupla: individual e coletiva.

Tais representações dos meios de comunicação, como reflexos coletivos e individuais, são construções de um momento histórico e, por isso, constitutivos da realidade. Construído subjetivamente, o conceito de ordem se transfigura quando algo sai da órbita da “normalidade”. O espancamento de Sirlei é entendido aqui como esse “desvio” do que se entende como ordem urbana. Uma ordem de pré-conceitos, na qual se credita ao “outro” a autoria dos desastres que corrompem a harmonia.

O caso Sirlei é apenas um entre os infinitos casos que poderiam ser analisados sob essa ótica, para a quebra de modelo que se espera da Barra da Tijuca, (“Miami Brasileira”). O espancamento de Sirlei e os outros que cotidianamente estampam as manchetes dos jornais representam uma ruptura nas representações de segurança, de tranquilidade, de harmonia, de disciplina, os sinônimos de uma vida perfeita e possível a poucos quilômetros da conturbação da metrópole.

Neste sentido, representar fundamentalmente, como supõe Sandra Jatahy Pesavento (2004), além de se colocar no lugar de algo, é fazer perceptível aos homens a realidade para que, a partir daí, pautem a sua existência. Podemos, então, considerar as

representações como produtoras de condutas e de práticas sociais, possíveis pelas construções individuais e coletivas de sentido para o mundo em que vivem. Os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo através das representações que constroem sobre a realidade em que vivem, e é na capacidade de mobilização e de produção de reconhecimento e legitimidade social que está a força de tal representação, que se apresenta por múltiplas configurações e muitas vezes se estrutura de maneira contraditória e variada para os diferentes grupos sociais.

Em cada uma dessas leituras representativas, nós estamos – cidadãos e meios – enquadrando as práticas sociais e selecionando personagens e ações definidoras das idéias que assumimos e formamos pelo emaranhado de informações que se traduzem nos recortes que fazemos ao selecionar o que mais nos chama atenção. Ao longo dos meses que sucederam o espancamento, o assunto voltou à tona na imprensa algumas vezes para informar, por exemplo, o andamento do processo ou alguma novidade sobre os personagens. É o caso do convite de Sirlei para entrar para a política.

Após o espancamento e toda a discussão pública acerca do assunto, a imagem de Sirlei virou gancho político, ela foi convidada pelo senador Marcelo Crivela para se tornar candidata nas eleições de 2008 ao cargo de vereadora. O pai de Sirlei, alguns meses depois, foi agraciado com medalha de honra por ter sido considerado um exemplo de dignidade pelas declarações dadas durante o caso. Tais repercussões são ganchos para outras pesquisas e deixam em discussão a maneira como as representações moldam papéis e (re)criam novas narrativas, novas leituras e novos fatos. Assim os jornais apresentam e representam o cotidiano, mediando a relação do cidadão com a cidade, a partir de recortes e representações.

Referências

- ABRIC, Jean- Claude, A Abordagem estrutural das representações sociais. In *Moreira, Antônio Silva Paredes*, Estudos Interdisciplinares da Representação Social. AB, 2000.
- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai Sangue*. Summus. 1995
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidades de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo. Edusp/Editora 34, 2000;
- CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. O Globo. Rio de Janeiro, 2003
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas Extremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DURKHEIM, Emile. *Sociologia*. São Paulo. Ática, 2004;

_____ *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. In: Os pensadores. Abril Cultural, SP. 1983. (pág 2002 – 245).

FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael (org.). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

FREITAS, Ricardo Ferreira. *Narrativas da violência: um estudo de caso sobre a Barra da Tijuca*. Artigo apresentado no XXVIII Congresso de Ciência da Comunicação.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho. JOVECHELOVITCH, Sandra. (org) *Textos em Representações Sociais*. Ed. Vozes. Petrópolis. 2002.

_____ " *Sem dinheiro não há salvação*": *Ancorando o bem e o mal entre neopentecostais*. In: *Textos em Representações Sociais*. GUARESCHI, Pedrinho. JOVECHELOVITCH, Sandra. (org) Ed. Vozes. Petrópolis. 1995.

JODELET, Denise, *Representações Sociais: um domínio em expansão*. In JODELET, Denise *As representações sociais*. Rio de Janeiro. Eduerj, 2001;

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro. Record, 2004.

MINAYO, Maria Célia de Souza. *O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde*. Ed. Hucitec-Abrasco. SP. 1992.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. Livro I. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

MOSCOVICI, Serge. *A Representação da psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1978;

_____ *As Representações Coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história*. In: *As Representações Sociais*. Jodelet, Denise (org). Eduerj. Rio de Janeiro, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Autêntica. Belo Horizonte, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade, Mídia e Violência*. 2 Edição. Ed. Sulinas e Edipucrs, Porto Alegre, 2006.

_____ *O Social Irradiado – Violência Urbana, Neogrotesco e Mídia*. Cortez. São Paulo, 1992.